

Barão de Oliveira Castro



Devemos uma referência especial a este nosso ex-Presidente e Sócio-Benemérito dos Beneméritos da nossa Associação.

Em 25 de Março de 1898 celebrou-se uma sessão solene para inauguração de um busto em mármore do Exm. Barão de Oliveira Castro, como demonstração de quanto a nossa Associação lhe venera a memória, já pêlos serviços que na qualidade de seu Presidente prestou durante o exercício desse cargo, já pelo seu acto de benemerência inesquecível enriquecendo o fundo de Beneficência da nossa Associação com um legado de 500 acções do Banco da Republica do Brasil.

Por ocasião da cerimonia da inauguração do busto do Exm. Barão de Oliveira Castro, pronunciou o Exm. Sr. Dr. João Monteiro da Luz, o seguinte discurso:

«Convidado pela digna Directoria da Associação Comercial do Rio de Janeiro, para. nesta cerimonia, fazer o elogio do seu ex-Presidente, Barão de Oliveira Castro, cujo busto hoje se inaugura, temo não estar na altura da incumbência. A uma outra palavra, mas essa viva, brilhante e eloquente, devia ter sido

dado o honroso encargo, de, com m e m orando a vida de tão ilustre morto, mostrar quanto ele bem mereceu da Pátria, que amou, da classe de que foi ornamento e desta Associação, á qual tão dedicadamente serviu.

A incumbência, que me foi dada e que por tantos títulos me honra, cumpre não enganar-me, devo mais à generosidade do que à justiça e, aceitando-a, confesso, tanto quanto a vontade de ser agradável à honrada Directoria, imperou em mirn o dever de servir à uma memória, que estará em minha alma eterna pela mais sincera amizade, perpetua pelo mais intimo reconhecimento, viva pela mais funda saudade.

Não possuo todos os dados, que me habilitem a poder de perto acompanhar uma existência tão preciosa, útil e brilhante, qual a daquele, cujos méritos esta Associação erigindo-lhe o busto, nesta solenidade lembra: mas os apontamentos que tenho, por mim oferecidos ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, de que o Barão de Oliveira Castro era sócio benemérito, e dos quais só um ou outro facto em acanhado resumo foi aproveitado na *Revista* dessa Sociedade, servirão para guiar-me. Em traços soltos, em ligeiro esboço só por si bastam para, exaltando-lhe o nome, recomendá-lo à veneração de seus concidadãos, à estima e respeito de sua classe, à entranhada gratidão desta Associação.

Peço, por momentos, a atenção desta Assembleia: e quando à minha natural fraqueza eu não fosse buscar os títulos para merece-la, esses títulos me daria a minha posição neste recinto. Perto de um túmulo, que significa a norte, e daquele busto, que é a glorificação, eu sou a justiça, que profere o julgamento. Ouvi-me, pois.

O Barão de Oliveira Castro é morto !

Já o disse alguém: « *magnífico é o privilegio da morte. Tem ela o raro condão de perturbar nuamente o valor de duas prezas, a pujança de duas victimas*». Quando o roble dos Alpes assenta, derribado pelo furacão, sobre o dorso da montanha é que se abarca, por completo, a grossura do seu tronco e pôde remirar-se, de par com a sua magnitude, a exuberância de seu cerne e a opulência de suas franças.

O Barão de Oliveira Castro (Comendador José Mendes de Oliveira Castro) nasceu em 4 de Outubro de 1842 nesta capital e teve como progenitores o honrado e abastado comerciante, Comendador António Mendes de Oliveira Castro e D. Castorina Angélica de Oliveira Castro, respeitável e piedosa Senhora, que cercava-se da veneração de quantos a conheciam.

Dedicando-se à carreira comercial depois de haver frequentado, como aluno interno, diversos acreditados colégios, entre os quais o colégio Kopke, onde salientou-se por sua aplicação e comportamento, foi chefe, sob diversas firmas, de estabelecimentos comerciais importantes.

Por merecimentos resultantes de um espírito superior e da perfeita compreensão do dever no exercício dos cargos, subiu ás mais eminentes posições na classe, a que pertenceu.

Fez o Barão de Oliveira Castro parte do Conselho Fiscal do Banco do Brasil, do da Companhia de Carris do Jardim Botânico, do da Rural do Brasil e das directorias do Banco do Brasil por duas eleições, do Banco dos Estados Unidos do Brasil,

da Republica dos Estados Unidos do Brasil, da Companhia do Jardim Botânico, quando passou a ser brasileira a sua administração, da Companhia de Seguros e Bancária Integridade e Industrial do Brasil, das quais foi um dos incorporadores, como também foi do Banco do Comércio, vice-presidente e por longos anos presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro, sucedendo em tão difícil e honroso posto ao ilustre Sr. Visconde de Tocantins.

Sob sua direcção, a Associação Comercial teve todo o brilho e desenvolvimento, que lhe eram garantidos por seus novos estatutos, aprovados em 1883.

Operando em sessões frequentes e concorridas, como nunca teve, já por sua Directoria, já por um conselho deliberativo presidido, segundo a lei, pelo Presidente daquela, conselho composto dos representantes das diferentes classes do comércio e da industria, pôde a Associação estudar e resolver múltiplas e importantíssimas questões de immediato interesse para cada uma destas classes: e disto dão noticia as actas das reuniões da Directoria, as do conselho deliberativo e as das Assembleias Gerais dos associados.

Relevantíssimos foram, sem contestação, os serviços prestados à Associação. Comercial pelo extremo zelo, infatigável actividade e ilimitada dedicação do Barão de Oliveira Castro, que colocou-a em posição de poder caminhar desassombrada e livre dos sérios compromissos, que ameaçavam-lhe credito e existência.

Com efeito —tendo começado as obras do novo Edifício da Praça e tendo continuado até se acharem quasi em meio,

completamente exausta de recursos, viu-se a Associação diante de avultadíssima dívida aos prestamistas, que haviam fornecido capital para a obra, e empreiteiros, aos quais fora confiada a construção do notável edifício.

Munidos de vistoria prévia e que lhes era favorável, tinham estes últimos chegado até a propor, por dívida superior à mil e duzentos contos de réis de prestações em atraso, a respectiva acção pela 1.^a vara do comércio, já em termos de nova vistoria, quando pêlos esforços constantes empregados dia à dia, durante anos pelo Barão de Oliveira Castro, pessoalmente junto de diversos Ministérios e do Corpo Legislativo, postos em campo esses esforços com prejuízo de cômodos, interesses e saúde, pôde ele alcançar em 1889, sendo Presidente do Conselho e Ministro da Fazenda, o eminente estadista, Visconde de Ouro Preto, o empréstimo de cinco mil contos, libertando assim a Associação das gravíssimas dificuldades que, empecendo-lhe o progresso, abalando-lhe a boa fama. fazendo-lhe perigar a vida, a assoberbavam.

Pagando o capital todo dos prestamistas, que com fundamento julgava-se completamente perdido e a quantia devida aos empreiteiros com a redução de mais de quatrocentos contos de réis, obtida pelo Barão de Salgado Zenha, que tinha sido indicado pelo Barão de Oliveira Castro para arbitro amigável, suspensa a acção judiciaria, foi salva a Associação Comercial do Rio de Janeiro e pôde continuar as obras do seu majestoso edifício.

Gomo recompensa de tão valiosos e extraordinários serviços, ela na concorridíssima e memorável Assembleia Geral Extraordinária de 7 de Novembro de 1889, convocada em homenagem ao

grande patriota, Visconde de Ouro Preto, cujo busto em bronze decretou fosse levantado em sua sala de honra, proclamou unanimemente o Barão de Oliveira Castro, em meio dos mais delirantes e entusiásticos aplausos BENEMÉRITO DOS BENEMÉRITOS, e não satisfeita ainda, em posterior sessão de 25 de Agosto de 1891, resolveu também por unanimidade se erigisse o busto de seu ilustre e devotado Presidente.

Da presidência da Associação, o Barão de Oliveira Castro exonerou-se por ofício de 12 de Julho de 1890, generosamente doando a importante soma de cinquenta contos de réis ao fundo de beneficência destinado aos associados feridos pelo infortúnio. Por morte, em testamento legou-lhe para o mesmo fim mil acções da 2ª série do Banco da Republica, o que deu causa à Directoria propor e aprovar unanimemente, quando reunida em sessão extraordinária em 6 de Março de 1896 a seguinte moção :

«A Directoria da Associação Comercial do Rio de Janeiro, reunida em sessão extraordinária para o fim, que faz objecto da presente moção :

Considerando que o falecimento do sócio benemérito e ex-Presidente, Barão de Oliveira Castro, constitue uma grande perda para a Associação, do que já foi dado testemunho nas homenagens de pezar votadas pela Directoria;

« Considerando que o legado deixado pelo ilustre extinto ao fundo de beneficência da Associação representa um acto de benemerência sem precedentes nos anais da mesma Associação, a qual, aliás, já em vida do generoso doador, fora por ele largamente dotada — delibera:

1 "consignar na presente moção, que será transcrita na acta respectiva, um -voto domais extenso e profundo pesar pelo passamento do sócio, ex-presidente, Barão de Oliveira Castro;

2º mandar colocar no salão de honra o busto em mármore do ilustre finado;

3" enviar à Exma. Viúva cópia autêntica d' esta moção. — Honor io Ribeiro. — Francisco Ramos Paz. — Nermano Joppert, — Visconde Duprat. — Henri Lcuba. »

Deliberando assim, executou a directoria a resolução da assertória geral de 25 de Agosto de 1891.

Paginas tão deslumbrantes como estas, tem ainda muitas tão distinto comerciante e todas, glorificando-lhe o nome, escritas em caracteres de ouro pela Pátria, pela Humanidade e Religião, que nunca em vão recorreram ao seu auxilio.

Tão digno é ele, por não interrompidos actos de dedicação ao comércio e de amor pátrio, da consideração e respeito da classe e de seus concidadãos, como pela caridade, brilhando intensa no devotamente aos seus semelhantes, das bênçãos fecundas de Deus.

Com eloquência superior à das palavras encomiásticas, faliam os significativos actos, que singelamente aqui registraremos, em gloria do seu nome, e para vivida lembrança deles.

O Barão de Oliveira Castro foi um dos instituidores do Asilo de Mendigos e por seus esforços particulares obteve que se agremiassem em tão caridosa e útil instituição cento e tantos associados, beneficiando-a assim com soma superior a seis contos de réis.

Serviu na administração da igualmente útil instituição «Lycen de Artes e Offi-cios,» prestando-lhe os serviços inspirados pela grande admiração votada aos seus fins; e por sua directa intervenção recebeu o Lyceu como donativo a soma de 12:000\$000, doze contos de réis.

Na epidemia da febre amarela, que grassou nesta capital no anjo de 1873, ofertou aos indigentes seiscentos cobertores.

Ao asilo das Órfãs da Santa Casa da Misericórdia, um conto de réis em seu nome e outro conto em nome de sua Exma. Esposa.

Devidamente apreciando os fins civilizadores do Lyceu Litterario Portuguez, para ele concorreu com a avultada somma de 20:000\$000.

Tendo feito parte da comissão de comerciantes, incumbida de promover festejos públicos por ocasião do regresso de S. S. M. M. I. I. na sua primeira viagem à Europa, o Barão de Oliveira Castro convocou e realizou uma grande reunião no Banco do

Brasil dos membros mais notáveis do comércio do Rio de Janeiro e foi proclamado presidente da grande comissão encarregada de promover por festejos publica manifestação de jubilo pela volta de suas Majestades à pátria.

Presidiu também a comissão eleita para o mesmo fim no regresso da segunda viagem.

Ocupou no regímen extinto o posto de tenente-coronel do 4º batalhão de infantaria da Guarda Nacional da Capital, em cumprimento do dever nunca se esquivando aos sacrifícios pedidos à sua fortuna e cómodos.

A Igreja em construção em Fafe, terra, do nascimento de seu falecido Pai, assim tornando-lhe mais saudosa e veneranda a memória, ofereceu a quantia de dez contos de réis!

Definidor e mesário da Irmandade da Misericórdia, tendo exercido igual cargo na do Senhor do Bom fim e na Ordem 3ª de S. Francisco de Paula, foi secretario na Ordem 3ª do Monte do Carmo e Vice-Provedor da Irmandade do SS. Sacramento da Candelária.

Pelos importantes serviços prestados ao Brasil recebeu a comenda da Imperial Ordem da Rosa, pêlos que fez à Portugal foi condecorado com a da Ordem Militar de Nossa Senhora da Conceição de Villa-Viçosa, e ambas as insígnias lhe foram oferecidas pelo comercio desta Praça, cravejadas em custosos brilhantes.

O Governo de S. M. o Imperador, quasi nos últimos dias da monarquia, o agraciou com o Baronato, atendendo aos serviços relevantíssimos que prestara ao comércio e à industria na elevada posição de presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro: e assim confirmou, provocando estímulos e buscando imitadores, o titulo de Benemérito dos Beneméritos por ela com tanta justiça decretado.

Tenho terminado, meus senhores; por demais hei abusado de vossa atenção.

Muito propositalmente evitei com cuidado extremo as divagações oratórias e só busquei os actos da vida do ilustre extinto.

Só esses a minha palavra burilou naquele mármore. Eles fazem por si o seu elogio.

Eu disse ser neste recinto a justiça: o meu julgamento é, estou bem certo, o dos que me ouvem e dos que me lerem.

Bem merece, portanto, acompanhando e consagrando as insígnias e extraordinárias honras, que hoje recebe, além daquele um outro monumento, mas esse levantado em nossos corações pelas nossas bênçãos, pelas nossas lágrimas e pelas nossas saudades Espírito de eleição — o Barão de Oliveira Castro imitou neste mundo a Jesus, que é Deus; pela vida, durante a qual enxugou muitas lágrimas, valeu a muitos infortúnios, acudiu a muitos desesperos, pela vida ele passou só fazendo o bem.

O segredo de sua felicidade era fazer os outros felizes.

**Discurso em homenagem à memória do Barão de Oliveira Castro,
de 25 de Março de 1898,
publicado no Relatório da Associação Comercial do Rio de Janeiro-ACRJ,**

1901.